



## PERFIL CLÍNICO E EPIDEMIOLÓGICO DA HANSENÍASE EM PACIENTES ATENDIDOS NO HOSPITAL DE DOENÇAS TROPICAIS (HDT-UFT) NO PERÍODO DE 2012 A 2022

**MARTINS**, Marcos Vinícius de Paula<sup>1</sup>; **CORDOVA**, Fabiano Mendes<sup>2</sup>, **DE CORDOVA**, Clarissa Amorim Silva<sup>3</sup>.

### RESUMO

A hanseníase, apesar de ter cura, é uma doença infectocontagiosa de caráter crônico, cujo agente etiológico infecta principalmente nervos periféricos, pele e olhos, apresentando evolução lenta e progressiva que, se não tratada, pode levar a deformidades e incapacidades físicas, muitas vezes irreversíveis. O Tocantins é classificado como um estado hiperendêmico para hanseníase, tendo ocupado a primeira posição em números de casos no Brasil em 2016. Assim, dado os altos índices da hanseníase no estado do Tocantins, sobretudo na microrregião de Araguaína, especialmente atendida pelo Hospital de Doenças Tropicais da Universidade Federal do Tocantins (HDT-UFT), este estudo objetivou descrever os padrões clínicos e epidemiológicos da hanseníase em pacientes atendidos neste hospital durante os anos de 2016 a 2022. A metodologia proposta foi um estudo observacional transversal e descritivo, por meio da coleta de dados dos prontuários médicos dos pacientes com hanseníase atendidos nesse hospital entre 2016 e 2022. Ao todo, foram estudados 270 pacientes com hanseníase, com um IC 95%. Dentre estes, 172 (63,7%) eram do sexo masculino e 98 (36,3%) eram do sexo feminino, com 224 (82,9%) pardos e 130 (48,1%) tinham apenas o ensino fundamental incompleto. Dentre os pacientes observados, 59 (21,8%) apresentaram a classe operacional paucibacilar no diagnóstico, sendo 14 (23,7%) com a forma clínica indeterminada e 45 (76,3%) com a tuberculoide. Foram 211 (78,2%) multibacilares no diagnóstico, sendo 128 (60,6%) com a forma clínica dimorfa e 83 (39,4%) com a virchowiana. Quanto ao grau de incapacidade física no diagnóstico, 114 (42,2%) pacientes receberam grau 0; 114 (42,2%) receberam grau I; e 42 (15,6%) receberam grau II. Já

1 Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/PIBITI). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas. marcos.martins@ufnt.edu.br.

2 Professor Doutor da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Norte do Tocantins, orientador deste projeto de pesquisa.

3 Professora Doutora da Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Norte do Tocantins, coorientadora deste projeto de pesquisa.



em relação ao grau de incapacidade física na cura, 95 (35,2%) pacientes receberam grau 0; 120 (44,4%) receberam grau I; 50 (18,5%) receberam grau II.

**Palavras-chave:** Hanseníase. Medicina preventiva. Saúde pública.

## I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa, de caráter crônico, cujo agente etiológico principal é o bacilo *Mycobacterium leprae*. A bactéria infecta principalmente nervos periféricos, pele e olhos, apresentando evolução lenta e progressiva que, se não tratada, pode levar a deformidades e incapacidades físicas, muitas vezes irreversíveis. Sua transmissão ocorre pelas vias respiratórias, por meio de contato próximo e prolongado com pessoas infectadas, geralmente familiares (BRASIL, 2023; BRASIL, 2017).

A hanseníase faz parte da Lista Nacional de Notificação Compulsória de Doenças, Agravos e Eventos de Saúde Pública e todos os pacientes diagnosticados com hanseníase têm direito a tratamento gratuito com poliquimioterapia preconizada, disponível em qualquer unidade de saúde. Ademais, é importante ressaltar que, apesar de ser uma doença crônica com potencial incapacitante, a hanseníase tem cura (BRASIL, 2023; BRASIL, 2017).

No período de 2001 a 2012, foram registrados 14.532 novos casos no estado do Tocantins, segundo dados obtidos pelo SINAN. A cidade de Araguaína foi responsável por 16,8% dessas notificações, sendo a segunda cidade com maior número de registros do estado. Nesse recorte temporal, o coeficiente médio de detecção de novos casos na população geral foi de 93,3 casos por 100 mil habitantes, classificando o Tocantins como um estado hiperendêmico (>40 casos/100 mil habitantes) para hanseníase, ocupando, por fim, a segunda posição em números de hanseníase no Brasil no ano de 2012 (MONTEIRO et al., 2019).



Já entre os anos de 2012 e 2016, na Região Norte, o estado do Tocantins continuou registrando a maior taxa média de detecção de novos casos na população geral e em crianças. Além disso, obteve a maior taxa de detecção de indivíduos com grau 2 de incapacidade física no diagnóstico (PESCARINI et al., 2021). Em 2016, o Tocantins ocupou o primeiro lugar entre os estados brasileiros em casos novos da doença na população geral (88,6/100 mil habitantes).

Diante desse cenário, dado os altos índices da hanseníase no estado do Tocantins, bem como dos números elevados da doença na microrregião de Araguaína, especialmente atendida pelo Hospital de Doenças Tropicais da Universidade Federal do Tocantins (HDT-UFT), este estudo objetivou descrever os padrões clínicos e epidemiológicos da hanseníase em pacientes atendidos neste hospital, durante os anos de 2016 a 2022, a fim de dar suporte para uma maior compreensão e resolução da doença nessa região.

## II. BASE TEÓRICA

O último estudo específico sobre a cidade de Araguaína, que analisou 282 casos novos com 15 anos de idade ou mais, durante os anos de 2004 a 2009, que receberam alta por cura, mostrou que os indivíduos eram predominantemente do sexo masculino (51,4%), residentes na zona urbana (94,7%), com média de idade de 45,8 anos. Além disso, cerca de 20% dos indivíduos apresentaram reação hansênica no momento do diagnóstico, e cerca de 35% apresentaram no pós-alta. Ainda no período pós-alta, 20,6% apresentavam grau 1 de incapacidade física, e aproximadamente 9% apresentavam grau 2 (MONTEIRO et al., 2013). Embora seja um estudo importante e com um tamanho amostral equivalente ao presente estudo aqui descrito, possui um recorte temporal antigo, evidenciando a necessidade de um estudo mais atual para a população atendida em Araguaína, no Tocantins.



### III. OBJETIVOS

Traçar o perfil clínico e epidemiológico da hanseníase em pacientes atendidos no Hospital de Doenças Tropicais da Universidade Federal do Tocantins (HDT-UFT) em Araguaína, TO, durante o período de 2016 a 2022. Dentre os objetivos específicos, destaca-se a quantificação da carga da doença na população e os padrões de acometimento neurológico.

### IV. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional transversal, descritivo, com análise de dados retrospectiva do período de 2016 a 2022, de caráter qualitativo.

Os dados foram coletados dos registros nos prontuários médicos da população amostral, seguindo um algoritmo padronizado. A coleta ocorreu de forma categorizada, mediante tabulação pelo software Microsoft Excel, identificando cada prontuário pelo seu respectivo número de registro. Os dados foram divididos em duas categorias, sociodemográficas e clínicas, conforme detalhado no quadro abaixo:

SOCIODEMOGRÁFICAS	CLÍNICAS
<p><b>Sexo</b> (masculino; feminino);</p> <p><b>Etnia</b> (branco; pardo; preto; indígena; amarelo);</p> <p><b>Município de residência;</b></p> <p><b>Escolaridade</b> (analfabeto; EF incompleto; EF completo; EM incompleto; EM completo; ES incompleto; ES completo);</p> <p><b>Zona de moradia</b> (rural; urbana);</p> <p><b>Ocupação;</b></p> <p><b>Tipo de entrada</b> (caso novo; recidiva);</p> <p><b>Tipo de saída</b> (cura; óbito; abandono)</p>	<p><b>Classe operacional</b> (paucibacilar; multibacilar);</p> <p><b>Forma clínica no diagnóstico</b> (indeterminada; tuberculoide; dimorfa; virchowiana);</p> <p><b>Episódio reacional</b> (tipo 1; tipo 2; tipo 1 e 2; sem reação);</p> <p><b>Grau de incapacidade física no diagnóstico</b> (grau 0; grau 1; grau 2);</p> <p><b>Grau de incapacidade física na cura</b> (grau 0; grau 1; grau 2);</p> <p><b>Esquema terapêutico;</b></p> <p><b>Acometimento nervoso</b></p>

EF: ensino fundamental; EM: ensino médio; ES: ensino superior



O estudo foi realizado nas dependências do Hospital de Doenças Tropicais da Universidade Federal do Tocantins (HDT-UFT).

A partir de dados obtidos pelo setor de Gerência de Ensino e Pesquisa do Hospital de Doenças Tropicais da Universidade Federal do Tocantins (GEP/HDT-UFT), não seria possível um recorte temporal inferior ao período de 2016 a 2022, sendo esta informação utilizada para seguimento da pesquisa, e que durante o período de 2016 a 2022 foram notificados 481 casos de hanseníase no HDT-UFT. Consideramos a população a ser estudada como 481, um erro amostral de 5%, um nível de confiança estatística de 95%, e tivemos um tamanho amostral mínimo de 214. Por fim, utilizando os critérios de inclusão e exclusão, acabaram sendo estudados 270 pacientes do total de prontuários disponíveis no acervo do HDT-UFT.

## V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O total de pacientes analisados através dos prontuários foi de 270. Dentre estes, 172 (63,7%) eram do sexo masculino e 98 (36,3%) eram do sexo feminino. Em relação à etnia, 1 (0,37%) se declarou amarelo, 11 (4,07%) se declararam brancos, 224 (82,9%) pardos, 7 (2,6%) pretos, 0 (0%) indígenas e 27 (10%) prontuários não continham a autodeclaração de etnia. Em relação ao nível de escolaridade, 35 (13%) eram analfabetos, 130 (48,1%) tinham o ensino fundamental incompleto, 17 (6,3%) tinham o ensino fundamental completo, 24 (8,8%) tinham o ensino médio incompleto, 41 (15,2%) tinham o ensino médio completo, 5 (1,8%) estavam cursando ensino superior, 8 (2,9%) apresentavam ensino superior completo e 10 (3,7) não responderam seu nível de escolaridade. Dentre os 270 pacientes observados, 59 (21,8%) apresentaram a classe operacional paucibacilar no diagnóstico, sendo 14 (23,7%) com a forma clínica indeterminada e 45 (76,3%) com a tuberculoide. Foram 211 (78,2%) com a classe operacional multibacilar no diagnóstico, sendo 128 (60,6%) com a forma clínica dimorfa e 83 (39,4%) com a virchowiana. Já em relação aos



episódios reacionais, 60 (22,2%) pacientes apresentaram em algum momento reação hansênica tipo 1, 45 (16,7%) reação hansênica tipo 2, 43 (15,9%) reação hansênica tipo 1 e tipo 2, não necessariamente ao mesmo tempo, e 122 (45,2%) indivíduos não apresentaram reação hansênica em nenhum momento.

Quanto ao grau de incapacidade física no diagnóstico, 114 (42,2%) pacientes receberam grau 0; 114 (42,2%) receberam grau I; e 42 (15,6%) receberam grau II. Já em relação ao grau de incapacidade física na cura, 95 (35,2%) pacientes receberam grau 0; 120 (44,4%) receberam grau I; 50 (18,5%) receberam grau II; e 5 (1,9%) indivíduos não receberam a classificação por motivo de abandono do tratamento. Nosso estudo verificou uma taxa aumentada tanto de pacientes com grau I quanto de pacientes com grau II de incapacidade física no pós-alta por cura, em relação ao trabalho de Monteiro e colaboradores em 2013.

## VI. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho realizado no Hospital de Doenças Tropicais da Universidade Federal do Tocantins (HDT-UFT), demonstra a importância de se realizar levantamentos de indicadores epidemiológicos para a implementação de políticas públicas que busquem uma melhoria contínua do serviço de saúde prestado à comunidade, sobretudo à população com Doença de Hansen, e melhoria das condições gerais de vida da comunidade. O presente estudo contribui para fornecer subsídios importantes à tomada de decisões em saúde pública na referida população.

## VII. REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. DEPARTAMENTO DE DOENÇAS DE CONDIÇÕES CRÔNICAS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (DCCI). Boletim Epidemiológico de Hanseníase. Disponível em: <[https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim\\_hanseniase-2023\\_internet\\_completo.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim_hanseniase-2023_internet_completo.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2023.



BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. DEPARTAMENTO DE VIGILÂNCIA DAS DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS. Guia prático sobre a Hanseníase. Disponível em: <<https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/2021/guia-pratico-sobre-a-hanseniose/view>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MONTEIRO, L. D. et al. Incapacidades físicas em pessoas acometidas pela hanseníase no período pós-alta da poliquimioterapia em um município no Norte do Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 29, n. 5, p. 909–920, 2013.

MONTEIRO, L. D. et al. Spatial patterns of leprosy in a hyperendemic state in Northern Brazil, 2001-2012. Revista de Saúde Pública, v. 49, 2015a.

MONTEIRO, L. D. et al. Tendências da hanseníase no Tocantins, um estado hiperendêmico do Norte do Brasil, 2001-2012. Cadernos de Saúde Pública, v. 31, n. 5, p. 971–980, 20 jun. 2015b.

MONTEIRO, L. D. et al. Hansen's disease in children under 15 years old in the state of Tocantins, Brazil, 2001-2012: Epidemiological patterns and temporal trends. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 22, 2019.

PESCARINI, J. M. et al. Epidemiological characteristics and temporal trends of new leprosy cases in Brazil: 2006 to 2017. Cadernos de Saúde Pública, v. 37, n. 7, 2021.

## VIII. AGRADECIMENTOS

Aos meus professores e orientadores, Dr. Fabiano Mendes de Cordova e Dra. Clarissa Amorim Silva de Cordova, quero agradecer por todo o cuidado e dedicação em todas as etapas deste programa de iniciação científica. Agradeço ao Hospital de Doenças Tropicais da Universidade Federal do Tocantins (HDT-UFT) por ter sido tão receptivo e me proporcionar uma singular experiência científica.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Tocantins – FAPT/TO.